

## O CURUPIRA E SEUS INTÉRPRETES: ENSAIOS TEÓRICOS SOBRE A ATUAÇÃO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA E PLÍNIO

Vinícius da Silva Ramos\*

**Resumo:** o presente artigo tem por objetivo fazer um diálogo entre documentos e bibliografia integralistas com alguns pensadores da sociologia e filosofia pouco utilizados no que diz respeito ao movimento de Plínio Salgado, numa tentativa de abrir novas possibilidades de discussão acerca da Ação Integralista Brasileira.

**Palavras-chave:** integralismo, autoritarismo, história política.

## THE “CURUPIRA” AND ITS INTERPRETATION: THEORETICAL ESSAYS ON THE PERFORMANCE OF THE BRAZILIAN ACTION INTEGRALISTA AND PLÍNIO SALGADO

**Abstract:** This article aims to make a dialogue between documents and integralist literature with some thinkers of sociology and philosophy little used with regard to the movement of Plinio Salgado in an attempt to open up new possibilities of discussion about the Action Brazilian Integralist.

**Keywords:** fundamentalism , authoritarianism , political history.

### I

Muitos trabalhos têm sido desenvolvidos na tentativa de analisar a produção literária de

---

\* Mestrando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Plínio Salgado<sup>1</sup>, assim como sua atuação na Ação Integralista Brasileira<sup>2</sup>, bem como tentativas de explicitar o caráter fascista ou não da organização<sup>3</sup>, ou simplesmente detalhar sua forma de atuação durante o período de atividade do que foi o primeiro partido de massas do Brasil<sup>4</sup>. Entretanto, poucas são as aproximações que se fazem entre ideologia, discurso, atuação e outros aspectos da organização integralista com grandes autores da História e da Sociologia mundial. Nossa intenção com este trabalho é tentar travar alguns diálogos com pensadores que modificaram profundamente o paradigma do conhecimento em seu tempo. Logicamente, por mais que estes autores tenham sido de extrema importância, sabemos bem da limitação de nosso trabalho, por isso nos dedicaremos a esse esforço com a utilização de apenas uma ou duas obras de autores como Pierre Bourdieu e Antonio Gramsci, entre outros.

Nossa proposta é de abrir uma frente de possíveis futuros estudos mais aprofundados e detalhados a partir deste ensaio inicial. Buscando esclarecer melhor nosso artigo, sigamos: a inspiração metodológica da tarefa se dará pelas obras de René Rémond<sup>5</sup> e Yves Déloye<sup>6</sup>, que nos legaram importantes contribuições para o estudo da História Política, cada qual à sua maneira; com relação à questão da participação política em suposto Estado Integral idealizado por Plínio Salgado, buscaremos dialogar com Norberto Bobbio<sup>7</sup>, Zygmunt Bauman<sup>8</sup> e Hannah Arendt<sup>9</sup>, entendendo as diferenças que marcam os escritos destes três; para analisar o sempre instigante fenômeno de atração/repulsão que domina os escritos de Plínio Salgado com relação à Europa, nos servirá de base o trabalho de Immanuel Wallerstein<sup>10</sup>, além de Edgardo Lander<sup>11</sup>; e por fim para tentar compreender a atuação de Plínio Salgado enquanto intelectual engajado em vários movimentos

---

<sup>1</sup> CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: formas de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

<sup>2</sup> VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

<sup>3</sup> TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.

<sup>4</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

<sup>5</sup> RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

<sup>6</sup> DÉLOYE, Yves. *Sociologia histórica do político*. Bauru: EDUSC, 1999.

<sup>7</sup> BOBBIO, Norberto. *Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

<sup>8</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

<sup>9</sup> ARENDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

<sup>10</sup> WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu: a retórica poder*. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>11</sup> LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

políticos de sua época tomaremos como referência, os trabalhos fundadores de Antonio Gramsci<sup>12</sup> e Pierre Bourdieu<sup>13</sup>.

É evidente para nós que este trabalho tem caráter introdutório, sem a pretensão de esgotar a discussão acerca de temas tão complexos quanto estes levantados, mas temos a consciência de que as grandes questões historiográficas e sociológicas nascem de pequenas tentativas de superação de limites do conhecimento.

## II

Entendemos que nosso trabalho se insere em uma análise da História Política aproximando-se do molde imaginado por René Rémond<sup>14</sup>, na medida em que buscamos compreender as relações entre um agrupamento político como a Ação Integralista Brasileira, a sociedade e o Estado. Rémond nos lembra que este tipo de análise por longo tempo esteve em baixa dentro da historiografia, seja pela superação de alguns métodos, seja pela tentativa de desqualificação que sofreu por muito tempo na Academia.

Para Rémond, esse novo fôlego que a História Política recebe pode ser explicado não apenas por uma alternância mecânica entre modas historiográficas, mas sim pela compreensão da mudança de atuação das relações internacionais, que atuam com cada vez mais força na vida política interna dos Estados, a necessidade do aumento da atuação do Estado no controle de crises recorrentes do capitalismo, o que contribui para o fortalecimento de uma visão concorrente àquela existência do Estado/ausência de Estado. Este tem precisado agir de formas distintas, com mais ou menos força, e é justamente esse movimento que precisa receber atenção. E como a História não paira sozinha no ar, pelo contrário, recebe influência direta do dia-a-dia e do senso comum, os trabalhos que fazem este tipo de análise tendem a ganhar força. O fenômeno se cristaliza na pergunta feita por Rémond: “como sustentar ainda que o político não se refere às verdadeiras realidades, quando ele tem por objeto geri-las?”.

---

<sup>12</sup> GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

<sup>13</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

<sup>14</sup> REMOND, op. cit, 2003.

Jean-Pierre Rioux<sup>15</sup> é quem dedicará atenção aos agrupamentos políticos na obra de Rémond. Tratamos da Ação Integralista Brasileira como tal e não como partido político a partir da constatação que sua atuação temporal e objetiva não se caracterizava simplesmente por um partido, e sim por uma associação política com pretensões bem maiores do que apenas a conquista do Estado. Para Rioux, o estudo dessas associações deve estar apoiado no fato de que elas influem diretamente na política sem necessariamente estarem concorrendo às eleições, ou seja, que fariam parte de uma “malha associativa”, estruturando um sistema político. O autor deixa claro que a análise destas associações não se distinguirá das outras formas de atuação na política. O cruzamento das fontes, a compreensão da atitude de seus filiados e a história oral serão seus maiores aliados.

Outro autor que será de grande utilidade para a questão metodológica de nosso trabalho é Yves Déloye<sup>16</sup>, com a sua sociologia histórica do político. O autor levanta duas hipóteses que ajudariam a explicar o enfoque sócio-histórico que o político deve receber: a primeira seria a reunião de mudanças que a sociedade sofreu nas últimas décadas, as mesmas elencadas por Rémond para explicar a ascensão da política; a segunda seria a possibilidade de a ciência política fazer uso dos métodos históricos em suas análises.

Mas o que exatamente pretende Déloye com sua sociologia histórica do político? O autor vai delineando sua teoria a partir da constatação que a longa duração deve fazer parte sim, da agenda de propostas da história do político. O abandono de qualquer referência à história episódica é necessário para Déloye. Como encaramos o desenvolvimento intelectual de Plínio Salgado e o posterior desenvolvimento da Ação Integralista Brasileira como dois fatos que se inserem em um contexto mais totalizante, como herdeiros de uma tradição autoritária do século XIX, consideramos adequada esta aproximação teórica entre nosso trabalho e o de Déloye.

O objeto que Déloye busca é exatamente a relação que o político possui com as outras áreas da vida humana, com a pretensão de não permitir que nenhum destes diferentes aspectos sobressaia sobre os demais. Ou seja, embora Déloye tenha críticas ao trabalho de Rémond, seus critérios não são excludentes, uma vez que os dois buscam esse diálogo entre o político e o social, o econômico, o cultural. Nas palavras do autor, “trata-se de fazer uma história social do político capaz de

---

<sup>15</sup> RIOUX, Jean-Pierre, *A Associação em política*. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

<sup>16</sup> DÉLOYE, op. cit., 1999.

estabelecer as lógicas sociais em ação na vida política, mas também uma história política do social, apta a identificar a marca do político sobre o social”<sup>17</sup>.

A partir desta perspectiva, lembramos as diferentes facetas que o movimento de Plínio Salgado assumiu, desde sua atuação enquanto partido político até suas ações destinadas à saúde pública – como cursos de higiene, manutenção de enfermarias -, passando pela fundação de escolas alfabetizadoras e treinamento paramilitar destinado aos milicianos<sup>18</sup>, desta forma concluímos que deste ponto de vista, o trabalho de Déloye é indicado para nos ajudar a refletir sobre a A.I.B., uma vez que o autor preza a busca pelo diálogo entre estas diferentes esferas nas quais o político pode atuar e se relacionar com a sociedade. Ou seja, para uma organização que buscou ser presente em tantas áreas diferentes, necessitamos de uma teoria que dê conta disto.

### III

Na terceira parte de nosso trabalho introduziremos a questão da representação para Plínio Salgado em seu futuro e sonhado Estado Integral. Para Salgado, o município era a célula que geraria a vida interna do país, sendo seu núcleo, cada família brasileira que o compunha. Sua visão hierarquizada demonstrava que cada aglomeração de pessoas deveria ter sua função, sendo a primeira e principal base, a família. Para Salgado, a verdadeira democracia nasceria do fortalecimento da família, que provocaria o concomitante fortalecimento do município, seguindo até a instância final do país que seria a representação corporativa<sup>19</sup>. A tentativa de organização corporativa era buscada de forma incessante por Salgado, uma representatividade particular, assemelhada aos moldes das corporações medievais<sup>20</sup>.

Estudioso da representação política, Zigmunt Bauman<sup>21</sup> nos dá pistas para entender o processo no qual as ideias de Salgado estavam envolvidas. Para Salgado, o individualismo e a distância do poder político da família e da pessoa eram males do capitalismo, que agravava o egoísmo a competição entre os sujeitos. Enquanto Bauman nos mostra que explosões de

<sup>17</sup> DÉLOYE, op. cit., 1999, p. 38.

<sup>18</sup> TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.

<sup>19</sup> TRINDADE, op. cit., 1979.

<sup>20</sup> CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: formas de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

<sup>21</sup> BAUMAN, op. cit., 2000.

solidariedade e fúria são as principais formas de manifestações públicas em nossos dias, o integralista via a revolução como a principal forma de atuar politicamente que havia sido experimentada até aquele momento, e sugere uma transformação deste paradigma, levantando a questão da nocividade das revoluções e a necessidade de alternativas menos destrutivas para mudança de regimes.

Baumant detecta a queda na participação política pelo fim dos espaços que interpenetram o público e o privado, as *ágoras*. Os locais em que a política era discutida, onde os anseios particulares se tornavam demandas públicas foram tendo sua extensão reduzida até se extinguirem quase que por completo. Para Salgado, essa discussão política deveria ser iniciada na família, estendendo suas ramificações até as câmaras corporativas que deliberariam acerca dessas demandas – sempre sob a constante tutela do líder carismático – e se transformariam em mudanças positivas devido ao alto grau de desenvolvimento que o *homem integral* atingiria pelo esclarecimento levado pelo integralismo<sup>22</sup>. Para Salgado, esta seria a verdadeira democracia, e não o que ele chamava de “democratismo” liberal, apoiado no consumo e não na cidadania. Neste ponto, o integralista e o sociólogo polonês convergem.

Hannah Arendt é indiscutivelmente uma das grandes referências para o estudo da política no século XX. Suas preocupações com a violência e a ameaça à democracia são marcas de sua obra. Em “O que é política?”, Arendt<sup>23</sup> nos dá uma mostra de sua capacidade intelectual no que diz respeito ao modelo democrático ocidental. Prosseguimos nossa empreitada de fazer um diálogo entre esta autora e Plínio Salgado.

Primeiramente, Arendt acredita ser a família um elemento fundamental para a construção da participação política no Ocidente. As relações impessoais entre os indivíduos que gera a sociedade contemporânea levam os sujeitos a buscarem fortalecer suas relações de parentesco, o que tende a aumentar as ligações intrafamiliares. Salgado pensava de forma semelhante, entretanto para o integralista, o fortalecimento da família não era um meio, mas sim um fim. Enquanto para Arendt, este apego é o resultado das relações do capitalismo ocidental, para Salgado, deveria ser o fim a ser alcançado pela Revolução Integral<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> CHASIN, op. cit., 1978.

<sup>23</sup> ARENDT, op. cit., 2002.

<sup>24</sup> CHASIN, op. cit., 1978.

Outra preocupação de Arendt diz respeito à liberdade para a atuação na política. Para a autora, sem aquela, a política perde o sentido de diálogo e de mutualidade. A liberdade seria a condição previamente necessária para qualquer tipo de atuação política, condição esta vinda desde a época grega clássica, onde a instituição da escravidão era – para os atenienses livres – necessária para a liberação dos cidadãos na vida política da *polis*. Já Plínio Salgado não enxergava a liberdade da mesma forma. Sua preocupação moralizante o impedia de encarar o fim dos grilhões como algo totalmente positivo, haja vista sua constante preocupação com os excessos que a sociedade capitalista permitia devido à sua alta liberalização dos costumes. Não devemos perder de vista o fato de que levar em conta a busca de Plínio Salgado na limitação da liberdade individual é condição *sine qua non* para compreender seu pensamento<sup>25</sup>.

Por fim, a leitura que Arendt faz do cristianismo primitivo e sua relação com a política, ou a ausência dela é outro ponto nodal da obra da autora, no qual ela se afasta de Salgado, uma vez que o chefe integralista retira muitas de suas reflexões políticas com base nos escritos associados a Cristo, enquanto Arendt busca demonstrar o caráter apolítico desta religião. Logicamente os usos que Plínio Salgado fazia das ideias do cristianismo diferia bastante das de Arendt, uma vez que o brasileiro buscava através delas, legitimar suas posições políticas, e não analisa-las filosoficamente.

Prosseguindo nosso trabalho, nos dirigimos ao estudo que Norberto Bobbio<sup>26</sup> empreendeu sobre o Estado, mais especificamente o que diz respeito ao surgimento do Estado e sua função. Nosso diálogo se dará na medida em que Plínio Salgado também discutiu o papel do organismo maior que rege a sociedade.

Para Bobbio, o Estado nasce a partir da dissolução dos laços de parentesco das comunidades e da necessidade da construção de outros tipos de ligação que mantivessem a comunidade unida. Quanto à função do Estado, Bobbio identifica com a manutenção da ordem social através do monopólio da força legítima.

Em Plínio Salgado não há uma grande preocupação sobre o surgimento do Estado, uma vez que o pensador trata do problema como uma forma dada, naturalizada, muitas vezes sacralizada<sup>27</sup>. Devido à sua perspectiva altamente ligada ao catolicismo, Salgado não empreende um esforço

---

<sup>25</sup> SALGADO, Plínio. *O ritmo da História*. São Paulo: Voz do Oeste, 1978.

<sup>26</sup> BOBBIO, op. cit., 2003.

<sup>27</sup> SALGADO, op. cit., 1978.

sistemático para compreender o surgimento do Estado, uma vez que em sua concepção, este tem o papel de ordenador de uma sociedade que sem a sua presença chegaria ao caos imediatamente. Seu viés autoritário se mostra na medida em que busca um Estado todo-poderoso que geriria as mais diferentes formas de relação entre pessoas, indo do arbítrio em conflitos até a mediação entre contratos de proprietários/proletários.

Bobbio então prossegue distinguindo os três tipos de poder que o Estado se utiliza para manter a coesão social e impedir a desintegração nacional: o poder econômico – utilização dos meios financeiros para forçar ou impedir determinada conduta em um grupo -, o poder ideológico – utilização de conhecimentos, códigos de conduta ou influência para induzir ou impedir determinado comportamento – e o poder político – o poder coativo, da repressão, exército, polícias, ou seja, o monopólio da força. Neste aspecto, Salgado e Bobbio se aproximam, uma vez que para o ideólogo integralista – logicamente sem o refinamento de Bobbio -, a possibilidade de gerir os contratos e disputas patrão/empregado (poder econômico), a instituição de escolas de ensino integral e integralista, assim como a produção de material ideológico para os diferentes tipos de consumidores (poder ideológico) e o fortalecimento do caráter policialesco do Estado com a formação das milícias paramilitares (poder político), seriam de total responsabilidade do Estado Integral imaginado por Plínio Salgado e esquematizado previamente na organização hierárquica da Ação Integralista Brasileira<sup>28</sup>.

#### IV

Na quarta parte de nosso trabalho trataremos uma discussão que Plínio Salgado sempre destacou de forma apaixonada em seus escritos: a relação da América com a Europa. Para iniciar este intento, relacionaremos as teorias do chefe integralista com Edgardo Lander<sup>29</sup>.

Lander nos lembra que com o início da colonização da América, começa não só a exploração econômica do continente, mas também sua dominação intelectual. Toda a produção de conhecimento que a América Latina produzisse seria comprometida de qualquer forma pela

---

<sup>28</sup> TRINDADE, op. cit., 1979.

<sup>29</sup> LANDER, op. cit., 2000.



influência europeia. Ao mesmo tempo, o velho continente prossegue seu processo expansionista no qual insere praticamente todas as culturas do mundo em sua órbita econômica, política e cultural e principalmente, em uma história única, contada de forma a agradar os dominadores.

Salgado sempre esteve em meio a um grande imbróglio intelectual no que diz respeito às suas relações com a Europa<sup>30</sup>. Como manter um discurso nacionalista, de recusa ao cosmopolitismo dentro de um movimento bastante assemelhado aos seus congêneres europeus, o nazismo e o fascismo? Este sempre foi um problema para Plínio Salgado, que Vasconcellos conceituou como o paradoxo do “Curupira”, pelas ideias de Salgado – como os pés do Curupira – estarem voltadas para a América e as práticas da Ação Integralista Brasileira – com a face da personagem – estarem voltadas para a Europa.

Embora a AIB tenha sempre se arvorado como uma representante do patriotismo brasileiro, da independência com relação à Europa, sempre esteve intimamente ligada aos movimentos europeus. Desde a inspiração trazida pelo contato com o fascismo de Mussolini em sua viagem à Itália à ajuda financeira que a Itália enviou ao partido, até os comentários elogiosos para com o movimento nazista, Plínio Salgado sempre precisou lidar com este paradoxo<sup>31</sup>.

Ou seja, Plínio Salgado se insere neste contexto de esforço intelectual que a América colonizada econômica e ideologicamente produziu e produz ainda em sua tentativa de construir sua história de forma independente<sup>32</sup>. Não é nossa intenção desnudar as possibilidades de Salgado de fazê-lo, mas não podemos deixar de considerar sua produção intelectual como uma importante contribuição neste sentido.

Referência importante para a temática das relações entre a Europa e outras civilizações é Immanuel Wallerstein<sup>33</sup>. O autor serve de base até mesmo para Lander. Sua teoria se baseia na investigação da construção dos três tipos de apelo ao universalismo, que seriam: o argumento pan-europeu dos direitos humanos, o choque de uma civilização mais avançada com outras menos desenvolvidas; e o universalismo do mercado de bens. Para Wallerstein, esses apelos nada mais são do que as diferentes formas que o universalismo europeu encontrou para disseminar sua cultura e subjugar ideologicamente os outros povos com os quais teve contato. Para isso, a Europa e seus

<sup>30</sup> VASCONCELLOS, op. cit., 1977.

<sup>31</sup> TRINDADE, op. cit., 1979.

<sup>32</sup> LANDER, op. cit., 2000.

<sup>33</sup> WALLERSTEIN, op. cit., 2007.

aliados contam com a ajuda de intelectuais dos mais diferentes matizes, mas que em última análise caem na armadilha do universalismo europeu.

E como toda relação dialética como é a questão do jugo ideológico, não há apenas intelectuais vindos da Europa trazendo as ideias do universalismo europeu. Mesmo dentro dos países que sofrem com a influência deste universalismo enviesado existem intelectuais que buscam legitimar esta atuação. Para Wallerstein, há uma disputa entre o universalismo europeu e um universalismo universal, verdadeiramente comprometido com um sistema-mundo mais igualitário. E ambos os lados terão em suas fileiras sujeitos dispostos a defender suas posições. Tanto dentro de países dominantes, quanto dentro dos países dominados.

Em nossa concepção, Plínio Salgado representa uma parcela da intelectualidade brasileira que se rende ao universalismo europeu e legitima suas práticas de imposição ideológica. Apesar de seu nacionalismo aparente, Salgado não esconde que a Europa é seu espelho intelectual. Mesmo o chamado “espírito da terra”, o “Brasil caboclo”, o “verdadeiro Brasil”, que seriam manifestações de um país que seria diferente do litoral cosmopolita deixam transparecer suas ideias hierarquizadas, uma vez que para o integralista, apesar de todo o valor do indígena, o branco europeu é quem traz a civilização e os valores morais para os primeiros habitantes do Brasil<sup>34</sup>.

Ainda sob esta ótica, podemos trazer o fato da crítica constante à democracia que Plínio Salgado efetuava. Wallerstein indica como um dos preceitos básicos para a manutenção de um universalismo universal, a defesa da democracia, o que podemos observar como um desserviço que Salgado prestava a um equilíbrio de poderes mais justo, uma vez que este tipo modelo autoritário legitima ações autoritárias de potências contra seus parceiros mais frágeis.

## V

Em nossa quinta parte do trabalho, iniciaremos nossa discussão acerca do papel de Plínio Salgado como intelectual. Envolvido com todos os acontecimentos que povoavam as manchetes dos jornais da época, Salgado sem dúvida foi um intelectual engajado nas disputas políticas ideológicas

---

<sup>34</sup> CAVALARI, op. cit., 1999.

de boa parte do século XX.

Tomaremos como referencial o italiano Antonio Gramsci<sup>35</sup> para tentar compreender a posição de Salgado perante discussões da época, tais como o desenvolvimento do capitalismo, a urbanização/industrialização, o avanço do socialismo, entre outros aspectos. Gramsci deixa claro em sua obra, que o intelectual é produto do meio em que se encontra, produzido a partir das condições econômicas advindas de sua classe originária. E Plínio Salgado não seria uma exceção. Criado e desenvolvido intelectualmente em meio aos partidos tradicionais de São Paulo, como o PRP, não deixaria de refletir seus ideais, embora muitas vezes entrasse em conflito com as lideranças destes partidos.

Sua posição sempre foi complexa perante os partidos tradicionais, pois por mais que desejasse afastar-se – ou pelo menos parecer afastado – destes, suas posições ideológicas mais profundas relevavam seu caráter reacionário, contrário ao desenvolvimento capitalista. Seu já conhecido “complexo de Curupira” exemplifica esta situação. Por mais que sua ideologia tivesse uma roupagem moderna, com grandes novidades frente os partidos tradicionais – como a participação feminina e alistamento em massa -, seu tradicionalismo, ruralismo e crítica à sociedade moderna, denunciam que seu papel como intelectual estava profundamente ligada àquela classe social que estava sendo alijada do poder, os grandes proprietários rurais.

Logicamente, este problema não se resolve de forma simples, uma vez que seu discurso atraiu boa parte da militância dos núcleos urbanos, entretanto, esta situação deve ser encarada com cuidado e observando sua forma dialética e contraditória como toda ideologia, ou seja, seu discurso francamente ruralista atraiu os cidadãos, e suas práticas modernas para a época eram utilizadas em um movimento reacionário. Gramsci compreendeu bem esta situação ao perceber que o intelectual sempre se desenvolve em uma atmosfera impregnada das condições sociais da época preexistente, ou seja, estas contradições são perfeitamente compreensíveis se as observamos pelo olhar gramsciano.

O último autor a ser levantado neste ensaio é Pierre Bourdieu<sup>36</sup>. O sociólogo que se utilizou largamente dos conceitos de *campo* e *habitus*, será de grande valia em nossa análise, uma vez que trata do desenvolvimento do intelectual em seu campo de ação e de suas possibilidades enquanto

---

<sup>35</sup> GRAMSCI, op. cit., 1978.

<sup>36</sup> BOURDIEU, op. cit., 2003

agente passivo e ativo onde está inserido.

Observaremos através do conceito de *poder simbólico*, que de forma sintética seria a influência imaterial – neste caso – que agiria na dinâmica própria do grupo, as possibilidades de Plínio Salgado em seus intentos de espalhar sua mensagem integralista. Por que dentre outros grupos de extrema-direita, a Ação Integralista Brasileira, comandada por Plínio Salgado obteve mais sucesso em cooptar pessoas? Por que Plínio Salgado obteve o destaque de líder do grupo, deixando para trás a concorrência de Miguel Reale, e principalmente Gustavo Barroso?

Estas são questões que Bourdieu pode nos ajudar a responder observando suas análises sobre o campo. A Ação Integralista Brasileira nasce dentro de um contexto de proliferação de grupos de extrema-direita no Brasil, como a Legião Cearense do Trabalho e a Ação Patrionovista Brasileira. Entretanto, estas associações foram aos poucos sendo incorporadas pela AIB. Assim, podemos nos perguntar quais as causas deste sucesso. Logicamente, as hipóteses aqui levantadas não respondem totalmente a questões tão complexas, mas nos dão pistas interessantes. O fato de Salgado fazer parte de uma família tradicional de políticos do interior de São Paulo o colocava numa posição de superioridade simbólica interessante em relação aos outros líderes das associações, uma vez que estes não possuíam a tradição política da família Salgado, nem tinham as ligações com figuras de destaque do PRP. Ou seja, dentre os possíveis representantes de uma extrema-direita brasileira, Plínio Salgado era o que mais acumulava capita simbólico, seja herdado de seu pai, político experiente, ou mesmo pela sua influência literária que lhe dava destaque no cenário intelectual da época, com romances publicados e colunas em jornais diários<sup>37</sup>.

Salgado, por muitas vezes teve sua liderança ameaçada dentro do movimento integralista. Miguel Reale e Gustavo Barroso estavam praticamente em pé de igualdade com Salgado no que diz respeito à capacidade organizativa e liderança. Entretanto, este último, tinha sua popularidade muito afluada, sendo um dos escritores mais populares da época; em um momento no qual Plínio Salgado despontava como escritor, Barroso já tinha uma carreira bem consolidada, que veio a ser coroada com sua nomeação para a Academia Brasileira de Letras e a direção do Museu Histórico Nacional. Então por quais razões Plínio Salgado teria superado Barroso nesta disputa – suave, mas existente – na liderança da Ação Integralista Brasileira? Novamente podemos levantar algumas hipóteses.

---

<sup>37</sup> TRINDADE, op. cit., 1979.

Neste caso teremos que apelar para outro momento da pesquisa de Bourdieu, aquele que diz respeito ao caráter pessoal do poder simbólico, aquele capital carismático, intransferível de pessoa a pessoa. Plínio Salgado seria portador de grande quantidade deste capital simbólico, haja vista sua reconhecida capacidade oratória e seu carisma. Outra hipótese interessante é de que Plínio Salgado possuía um tipo diferente de capital simbólico, mais adequado à problemática política, enquanto Barroso era portador de um capital simbólico mais voltado para as artes e a literatura.

Logicamente, estes são apenas apontamentos iniciais, que não têm a pretensão de esgotar o assunto, mas valem como norteadores de trabalhos mais aprofundados. Este estudo aproxima-se de um ensaio, no qual questões são levantadas e hipóteses apresentadas na tentativa de contribuir para a discussão acerca do tema.

### Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BOBBIO, Norberto. *Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937).* Bauru: EDUSC, 1999.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: formas de regressividade no capitalismo hipertardio.* São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

DÉLOYE, Yves. *Sociologia histórica do político.* Bauru: EDUSC, 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SALGADO, Plínio. *O ritmo da História*. São Paulo: Voz do Oeste, 1978.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.

VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu: a retórica poder*. São Paulo: Boitempo, 2007.